

## **OLHARES SOBRE UMA SALA DE AULA INCLUSIVA: UM ESTUDO DE CASO NO CONTEXTO DO PIBID**

RAFAELA COSTA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; ANELISE CLÁUDIA SCHEEREN ODY<sup>2</sup>;  
CAROLINE TERRA DE OLIVEIRA<sup>3</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafaela\\_costadeoliveira@hotmail.com](mailto:rafaela_costadeoliveira@hotmail.com)

<sup>2</sup>Instituto Estadual de Educação Assis Brasil – [anelise-cody@educar.rs.gov.br](mailto:anelise-cody@educar.rs.gov.br)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [caroline.terraoliveira@gmail.com](mailto:caroline.terraoliveira@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho é fruto de observações realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa da Capes que visa aperfeiçoar a formação de professores para a educação básica, promovendo a inserção de estudantes de licenciatura no cotidiano de escolas públicas para articular a teoria acadêmica com a prática pedagógica. As atividades foram desenvolvidas no núcleo de Ciências, Artes e Matemática nos anos iniciais, em uma turma de 5º ano do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil de Pelotas (RS). O objetivo deste relato é analisar as estratégias desenvolvidas pela professora regente para "trabalhar com as diferenças", buscando identificar as potencialidades dos alunos neurodivergentes e refletir sobre práticas que promovem (ou dificultam) uma inclusão efetiva no cotidiano escolar.

A turma, composta por 10 alunos, apresenta um rico panorama da diversidade encontrada na escola brasileira contemporânea. Dentre os estudantes, quatro demandam um olhar pedagógico específico: um aluno em processo de avaliação para Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), um com laudo de Transtorno do Espectro Autista (TEA), um terceiro em fase final de avaliação para Deficiência Intelectual (DI), e um quarto com indicativo de DI encaminhado pela escola, mas que enfrenta negligência familiar no acompanhamento.

Diante de tal realidade, cada vez mais presente nas salas de aula, discutir, refletir sobre a inclusão é fundamental para a busca de um ambiente mais acolhedor onde todos possam ser valorizados e tenham acesso às oportunidades iguais de aprendizado.

A prática pedagógica nesse contexto é, sem dúvida, desafiadora. Partir de atividades diagnósticas, buscando identificar as reais necessidades de cada aluno é fator indispensável nesse processo, a partir disso, ajustar o conteúdo e as atividades para atender essa diversidade. O objetivo da inclusão é "garantir o acesso e a participação de todas as crianças em todas as possibilidades de oportunidades oferecidas pela escola e impedir a segregação e o isolamento." (Mittler, 2003, p. 25).

O objetivo deste relato é analisar as estratégias desenvolvidas pela professora regente para "trabalhar com as diferenças", buscando identificar as potencialidades dos alunos neurodivergentes e refletir sobre práticas que promovem (ou dificultam) uma inclusão efetiva no cotidiano escolar.

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

A metodologia baseou-se na observação participante, com registros em diário de campo, e em conversas reflexivas com a professora regente. As práticas observadas revelam a construção de uma "pedagogia das diferenças", que se manifesta em ações concretas. Destacam-se: a flexibilização curricular, com a adaptação de atividades e avaliações para atender aos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem; a mediação intencional, em que a professora atua diretamente nas interações sociais para promover o respeito e a colaboração; e o uso de múltiplos recursos, como jogos, vídeos e materiais concretos, para engajar os diferentes perfis de alunos. Um desafio particular reside no acompanhamento do aluno com suspeita de DI e negligência familiar, caso em que a escola se torna o principal (e por vezes único) espaço de acolhimento e estímulo, exigindo da professora estratégias que vão além do pedagógico, alcançando o cuidado emocional. A turma considerada pequena demonstra grande respeito e atenção pela professora regente, o convívio entre os alunos também é de respeito e empatia.

Para o trabalho dos conteúdos que as crianças têm mais dificuldades sempre existe a busca por estratégias que possibilitem a assimilação dos mesmos. Entre elas, recursos e materiais concretos, acessíveis e adaptados a cada nível, que na maioria das vezes são trabalhados em parceria com colegas que têm mais facilidade. Essa prática também contribui para a promoção de ambientes acolhedores que valorizam a diversidade e incentivam o respeito mútuo.

Especificamente, com alguns alunos dessa turma, a maior dificuldade encontrada é com o Letramento. Evidencia-se uma dificuldade de reter informações, o que acarreta problemas especialmente na leitura e na escrita. Para esses, sempre que possível, a professora oferece suporte individualizado, adaptando atividades de alfabetização.

A Gestão Escolar, tem ciência desses casos específicos e sempre que solicitado comparecimento dos responsáveis para encaminhamentos, é comunicada. Todos esses momentos são registrados e contam com a presença da professora responsável pelo AEE e da Orientadora Educacional, além da professora. Existe um esforço de todos os segmentos da escola em auxiliar as famílias a buscarem o atendimento adequado para cada caso. Muitas vezes o retorno não acontece, seja pelo contexto socioeconômico ou até mesmo por negligência familiar.

Segundo afirma Carvalho:

Melhorar as escolas e os processos que nela têm lugar, identificando e removendo barreiras, tanto diz respeito àqueles educadores que estão comprometidos com as ideias de educação para todos, com os que trabalham com o conceito de necessidades educacionais especiais e com os que defendem os movimentos de inclusão, em sua concepção mais abrangente. (Carvalho, 2007, p. 51)

O compromisso de "remover barreiras", como propõe Carvalho (2007), se revela neste estudo não apenas como uma ação pedagógica, mas também como uma prática de cuidado. A atuação da professora ao oferecer suporte individualizado e ao transformar a escola em um espaço de acolhimento emocional, especialmente diante de desafios como a negligência familiar, demonstra que a construção de um vínculo de confiança é um pré-requisito para a aprendizagem. Portanto, a experiência evidencia que a base para uma inclusão efetiva reside na capacidade

do educador de enxergar o aluno em sua totalidade, onde o desenvolvimento socioemocional se mostra tão crucial quanto às adaptações curriculares.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência na turma demonstra que o trabalho com as diferenças transcende a simples posse de um laudo. A prática docente proativa, que se antecipa ao diagnóstico formal, é fundamental para garantir o desenvolvimento dos alunos. A diversidade de perfis (TDAH, TEA, DI) exige do professor um repertório variado de estratégias, desmistificando a ideia de uma "receita" única para a inclusão. A situação de negligência familiar evidencia os limites da ação escolar e a importância da articulação com a rede de proteção social.

Este relato reforça que, embora a atuação da professora seja central, os desafios observados demandam um suporte institucional robusto, incluindo formação continuada e maior integração entre a sala de aula e as equipes de apoio. Como desdobramento deste estudo, sugere-se a investigação de estratégias para o fortalecimento da relação escola-família, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

Conclui-se, assim, que "trabalhar com as diferenças" é uma ação contínua, reflexiva e relacional, que demanda do educador não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade, criatividade e uma forte parceria com a gestão escolar e os demais colegas. Afinal, como afirma Mittler (2003, p. 21), "a inclusão é uma visão, uma estrada a ser viajada, mas uma estrada sem fim, com todos os tipos de barreiras e obstáculos, alguns dos quais estão em nossas mentes e em nossos corações".

Para a formação docente, a imersão nessa realidade, proporcionada pelo PIBID, revelou-se um aprendizado fundamental, especialmente no que tange ao planejamento de práticas pedagógicas. A experiência demonstrou que, lecionar em áreas como Ciências, Artes e Matemática para uma turma diversa, é preciso ir além do conteúdo e partir da compreensão das especificidades de cada aluno. Percebeu-se, por exemplo, que para ensinar Ciências é preciso investir em materiais concretos que tornem os fenômenos visíveis; para a Matemática, a ludicidade e a conexão com o cotidiano são essenciais; e a Arte se revela uma potente via de comunicação e expressão para alunos com dificuldades na linguagem. Dessa forma, este estudo de caso consolidou a percepção de que planejar para a diversidade é desenhar experiências de aprendizagem ricas e flexíveis, que ofereçam múltiplos caminhos para que todos possam participar e aprender.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIMA, GZ; COSTA, GMT. A educação inclusiva: uma realidade possível? **Revista de educação do IDEAU**, Bagé, v.13, n.27, p. 1 - 14, 2018.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais Acessado em 27 jul. 2025. Online. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

LEI Nº 9394/96 – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL - 1996. Acesso em 27 jul. 2025. Online. Disponível em: [https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn2.pdf](https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf)